

# Candidaturas reais e congelamentos

**Newton Rodrigues \***

O desgaste presidencial, confirmado em todas as pesquisas e sem sinais convincentes de reversão, apesar do quadro otimista que o próprio titular e seus seguidores procuram apresentar, teria necessariamente de produzir efeitos político-eleitorais. E é o que está acontecendo. O primeiro lance foi dado pelo PFL, com boas razões, pois pelo porte que tem não se ajusta à condição de segundo violino da orquestra tucana, ao lançar ainda extra-oficialmente a candidatura de Antonio Carlos Magalhães, aclamado na convenção partidária. Cobra criada, o baiano sabia que o lance devia limitar-se a isso, e foi o primeiro a proclamar que havia tempo de sobra para deliberação definitiva. Mas o fato falava por si. É a primeira vez em nossa recente história política que, a quase quatro anos do pleito, um grande partido, e, por cúmulo, da coligação oficial, declara não só que terá candidato próprio ao Planalto em 2002, como também aponta seu preferido. Isso indicou ainda que as relações do governo devem ser mais cordiais e que a distribuição de cargos importantes não deverá continuar quinhão do PSDB, restando aos aliados as sobras.

Entreveros preliminares entre Pimenta da Veiga e ACM já haviam marcado clima de atritos. E houve mais: as duas CPIs senato-

riais — a do Judiciário e a do sistema financeiro — incomodam visivelmente o governo, que se empenhou em esfriá-las sem grande êxito. O senador Arruda, tucano alçado à vice-presidência da segunda comissão, empenhou-se em impedir a todo custo a convocação ou o convite ao ministro Pedro Malan, o qual, depois de afirmar vigorosamente que iria sem vacilações à Comissão, se convocado ou convidado, participou com o presidente da República do movimento senatorial de impedir seu comparecimento. O argumento oficial foi que se desejava politizar o inquérito, que é político por natureza, uma vez que se trata, no âmbito parlamentar, de apurar fatos que podem envolver benesses a empresas faltosas com o

dinheiro público, cabendo, judicialmente, procedimentos extralegislativos, já em curso. A volta de Bello Parga à direção dos trabalhos da CPI deve ser saudada, não só por seu restabelecimento, como porque poderá reduzir as bicadas tucanas.

O lance de ACM não foi isolado. Imediatamente o tucanato se movimentou e, na convenção realizada no último dia 15, aclamou Mário Covas, desde já candidato oficial, como ACM, embora, cobra criada co-

mo o outro, tenha recusado qualquer investitura imediata, no que foi logo vigorosamente apoiado por Fernando Henrique, que, esquecido de que está no poder há mais de quatro anos, disse que a hora é de governar: já era.

O destaque dessas pré-candidaturas (digamos assim) consiste em que os companheiros de viagem já se dispõem à separação. Não há conveniência para nenhum dos aliados fortes que os tucanos, depois de dois mandatos presidenciais, sejam agraciados com um terceiro, a

partir da mesma base paulista, única de fato em que têm grande força eleitoral, apesar da grande divisão política que sempre se manifestou no estado. A experiência indica que não convinha, depois do lance inicial, nem ao PFL nem ao PSDB forçar o jogo, pois muita água ainda vai rolar e o tempo é senhor de tudo. Qualquer noviço em política sabe do desgaste de um candidato prematuro e, exatamente por isso, tanto Antonio Carlos como Mário Covas recusaram em palavras as indicações, considerando-as prematuras, embora tanto um como o outro trabalhem para consolidá-las.

Diferente é o caso do PMDB, que se limitou, até agora, a confirmar candidatura própria em 2002, mas sem lançar nenhum nome. A razão disso é simples. Sempre dividido na maior parte de sua existência, entre liberais-centristas e centro-esquerdistas,



para não lembrar o período em que a imposição do bipartidarismo aumentou o conflito ideológico da organização, o peemedebismo ainda não curou as feridas da última crise em que uma de suas alas, apoiada pelo presidente tucano, negou a candidatura presidencial partidária, pleiteada por Itamar Franco, incentivada também por outras organizações, e atrelou-se à reeleição, rompendo a posição tradicional. Muito votado no último pleito, com grande bancada na Câmara e no Senado, e fortes posições nas assembleias estaduais e câmaras municipais, mantém ainda a maior rede de diretórios e será força ponderável nos próximos pleitos.

Não tem, entretanto, até agora, um nome dominante que seja bem-acolhido pela mesma direção que atacou rudemente Itamar Franco na famosa convenção de adesão a FHC. Daí que, embora tendo decidido ter candidato próprio em 2002, o que poderá ajudá-lo a conquistar importantes governos estaduais, dos quais está carente (salvo em Minas), o partido se esteja resguardando para só lançar-se à luta pela Presidência após o pleito municipal do ano vindouro, quando terá chances de fortalecer-se nacionalmente.

Quanto ao PDT e ao PT, depois do ocaso de Brizola e das seguidas derrotas de Lula, o primeiro não tem ainda candidato próprio que possa ser tornado viável e, no segundo caso, nada poderão decidir sem a aprovação

de Lula, que aspira ao posto e permanece o único líder do partido com projeção nacional capaz de, mesmo derrotado, fortificar as chapas ao Legislativo e aos governos estaduais e prefeituras.

Voltando ao item inicial, os lances preparatórios do PFL e do PSDB nada têm de definitivo, mas atendem à necessidade de afirmação partidária. Ocorre ainda que ambos os indicados pela idade e pela situação de saúde implicam riscos adicionais, apesar da força eleitoral que têm exibido. Sem Covas, simplesmente o partido teria de recorrer a alguém eleitoralmente mais fraco, como José Serra, antipatizado em setores do próprio partido, e também da ala paulista que domina a organização. Por sua vez, o PFL sem ACM carecerá de liderança nacionalmente forte e aí está um dos motivos da dupla aclamação ocorrida nas convenções.

Não cabe ainda fazer prognósticos. A não ser os que indicam a separação do bloco vitorioso em 1998, como das retaliações estendidas a todos os graus. O desgaste do governo de FHC poderá recuar em parte, o que só o tempo dirá. Mas, apesar dos discursos triunfalistas, suas manobras de surfismo político se estão mostrando incapazes de deslizar sobre as fortes ondas que agitam o oceano econômico, social e político. ■

\*Jornalista.